

A SOBERANIA DE DEUS NO GOVERNO HUMANO

Erivelton Rodrigues Nunes¹

RESUMO

Ao analisar a literatura profética do Antigo Testamento é possível identificar alguns padrões na proclamação da mensagem que geralmente é composta por uma advertência ou convite ao arrependimento, uma mensagem de juízo e uma mensagem de esperança ou restauração. Este artigo apresenta alguns textos dos profetas Jeremias, Isaías e Daniel para compreender a ação soberana de Deus sobre o governo humano de alguns monarcas. A nação de Israel ao longo da história bíblica foi dominada por diversos povos estrangeiros tais como, babilônios, persas, gregos e romanos. Apesar da dominação estrangeira, Deus nunca perdeu o controle, Deus continuou soberano em sua posição inabalável. Alguns reis estrangeiros ganharam um destaque especial no relato bíblico como Nabucodonosor da Babilônia e Ciro da Pérsia. Para os judeus, Nabucodonosor era uma figura negativa porque foi ele quem os levou para o cativeiro, destruiu o templo e a cidade de Jerusalém. Por outro lado, Ciro era visto como uma figura positiva porque ele ordenou o retorno dos judeus e a reconstrução do templo. Embora ambos fossem reis pagãos, os profetas registraram como Deus os tratou: a Nabucodonosor, Deus o chamou de “meu servo” e a Ciro de “meu pastor” e “ungido”.

Palavras-chaves: soberania, servo, ungido.

ABSTRACT

Analyzing the Old Testament prophetic literature, it is possible to identify some patterns in the proclamation of the message that usually contains a warning or invitation to repentance, a judgment message and a hope message or restoration

¹ O autor é graduado em Educação Musical pela UFSCAR, Redes de Computadores pela FHO-UNIARARAS, Teologia pelo Seminário SEIFA e mestrando pela FABAPAR. E-mail: ernsys@gmail.com

message. This article presents some texts by the prophets Jeremiah, Isaiah and Daniel to understand the sovereign action of God over the human government of some monarchs. The nation of Israel throughout biblical history has been dominated by many foreign peoples such as Babylonians, Persians, Greeks and Romans. Despite foreign domination, God never lost the control, God remained sovereign in his unshakable position. Some foreign kings have gained special prominence in the biblical account such as Nebuchadnezzar of Babylon and Cyrus of Persia. For the Jews, Nebuchadnezzar was a negative figure because he was the one who took them into captivity, destroyed the temple and the city of Jerusalem. On the other hand, Cyrus was seen as a positive figure because he ordered the return of the Jews and the reconstruction of the temple. Although both were pagan kings, the prophets recorded how God treated them: to Nebuchadnezzar, God called him "my servant" and Cyrus "my shepherd" and "anointed".

Keywords: sovereignty, servant, anointed.

1. INTRODUÇÃO

Diversos textos bíblicos dos profetas maiores Isaías, Jeremias e Daniel descrevem a ação soberana de Deus na vida de monarcas pagãos que dominaram o território de Israel. A ideia de que Deus usou reis ímpios para cumprir os seus propósitos era uma mensagem difícil de aceitar. Por isso, os profetas enfatizaram a soberania de Deus e a forma como ele tratou cada rei pagão.

De acordo com o dicionário Easton soberania é o direito absoluto de Deus de fazer todas as coisas de acordo com sua própria vontade (Dn. 4:25,35; Rm. 9: 15-23; 1 Tm. 6:15; Ap. 4:11). Para Pink (1997, p.21) "soberania de Deus" significa afirmar a supremacia de Deus, a realeza de Deus, a divindade de Deus. Dizer que Deus é soberano é declarar que Deus é Deus, é declarar que ele é o Altíssimo, o qual tudo faz segundo sua vontade no exército dos céus e entre os moradores da terra; "Não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes?" (Dn 4.35). Dizer que Deus é soberano é declarar que ele é onipotente, possuidor de todo o poder nos céus e na terra, de tal maneira que ninguém pode impedir os seus conselhos, contrariar os seus propósitos ou resistir à sua vontade (Sl 115.3). Dizer

que Deus é soberano é declarar que ele “governa as nações” (Sl 22.28), estabelecendo reinos, derrubando impérios e determinando o curso das dinastias, segundo o seu agrado. Dizer que Deus é soberano é declarar que ele é o “único Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores” (1 Tm 6.15).

A nação de Israel ao longo da história bíblica foi dominada por diversos povos estrangeiros tais como, babilônios, persas, gregos e romanos. Apesar da dominação estrangeira, Deus nunca perdeu o controle, Deus continuou soberano em sua posição inabalável. Alguns reis estrangeiros ganharam um destaque especial no relato bíblico como Nabucodonosor da Babilônia e Ciro da Pérsia. Para os judeus, Nabucodonosor era uma figura negativa porque foi ele quem os levou para o cativeiro, destruiu o templo e a cidade de Jerusalém. Por outro lado, Ciro era visto como uma figura positiva porque ele ordenou o retorno dos judeus e a reconstrução do templo. Embora ambos fossem reis pagãos, os profetas registraram como Deus os tratou: a Nabucodonosor, Deus o chamou de “meu servo” e a Ciro de “meu pastor” e “ungido”.

2. NABUCODONOSOR, REI DA BABILÔNIA, MEU SERVO

O rei Nabucodonosor conquistou Judá por volta do ano 606 a.C. De acordo com Feinberg (1986, p.531), Nabucodonosor é chamado três vezes de servo de Deus ou “Nabucodonosor, meu servo” (Jr 25:9; 27:6 e 43:10). A caracterização de Nabucodonosor como o servo do Senhor mostra a magnitude da obra confiada a ele, isso significa que, como instrumento do Senhor, ele executaria o plano divino para Judá e as demais nações. Isso significa que Nabucodonosor estava inconscientemente fazendo a vontade de Deus ao subjugar as nações, incluindo Judá.

Eis que eu enviarei, e tomarei a todas as famílias do norte, diz o SENHOR, como também a Nabucodonosor, rei de babilônia, meu servo, e os trarei sobre esta terra, e sobre os seus moradores, e sobre todas estas nações em redor, e os destruirei totalmente, e farei que sejam objeto de espanto, e de assobio, e de perpétuas desolações. (Jeremias 25.9)

E agora eu entreguei todas estas terras na mão de Nabucodonosor, rei de babilônia, meu servo; e ainda até os animais do campo lhe dei, para que o sirvam. (Jeremias 27.6)

E dize-lhes: Assim diz o SENHOR dos Exércitos, Deus de Israel: Eis que eu enviarei, e tomarei a Nabucodonosor, rei de babilônia, meu servo, e porei o seu trono sobre estas pedras que escondi; e ele estenderá a sua tenda real sobre elas. (Jeremias 43:10)

Para Jamieson (1997, p. 531) Deus faz até mesmo os descrentes inconscientemente cumprirem seus desígnios, isso é um sinal claro da reprovação dos judeus, que se gabavam de serem servos de Deus; contudo, um rei pagão foi considerado mais servo de Deus do que o próprio povo de Deus. MacDonald (2011, p.684), afirma que durante 23 anos, o profeta Jeremias avisou todo o povo de Judá acerca do juízo; outros homens de Deus não cessaram de chamá-los ao arrependimento mas como eles não deram ouvidos, Deus levantou Nabucodonosor para levá-los ao cativeiro onde permaneceram no exílio por setenta anos.

O termo hebraico עֶבְדִּי (*'abdî*)² que significa “meu servo” tem várias conotações possíveis: (1) pode designar um servo de Deus como um profeta (Nm 12: 7–8); (2) todo o Israel (Is 42:19); (3) o remanescente fiel de Israel (Is 41:9–10); (4) um indivíduo piedoso, não necessariamente da nação de Israel (Jó 1: 8); (5) o Messias, o Servo por excelência (Is 42:1, 49:3; 50:4-9; 52:13-53:12); (6) um descendente da dinastia davídica (Ag 2:23); (7) governantes incrédulos, que também derivam sua autoridade de Deus - por exemplo, Ciro (Is 45:1) e Nabucodonosor (Jr 27:6) que são instrumentos de Deus para cumprir sua vontade (Rm 13:1). Curiosamente, na septuaginta (LXX) *'abdî* é omitido ou alterado sempre que se refere a Nabucodonosor (Jr 27:6, 43:10) (FEINBERG 1986, p. 545)

Newman e Stine (2003, p. 531) entendem a expressão “meu servo” referida a Nabucodonosor não como aquele que adorava ao Senhor, mas sim que "serve" ao Senhor ou faz a obra do Senhor, trazendo punição sobre o povo de Judá. A maioria das traduções mantém a expressão “meu servo”, mas para idiomas que não têm uma palavra equivalente para "servo", são usadas expressões como "quem faz meu trabalho" ou "quem está fazendo o que eu quero". O autor do livro profético de

² Todas as palavras hebraicas e suas transliterações desta pesquisa são provenientes do Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 1998.

Jeremias no capítulo 21:2 afirmou que Deus entregaria a cidade de Jerusalém ao rei da Babilônia para que fosse queimada. Neste aspecto, Barry et al (2016, n.p.) concorda que a frase “Nabucodonosor, rei da Babilônia, meu servo” identifica explicitamente o inimigo do norte como o agente de julgamento. Holladay (1989, p. 121) menciona uma especulação teológica que destacou Nabucodonosor como uma figura negativa ao lado de Ciro como uma figura positiva.

3. CIRO, REI DA PÉRSIA, MEU PASTOR, UNGIDO

De acordo com Ogden e Sterk (2011, p. 1237) os babilônios destruíram Jerusalém e o Templo quando capturaram a cidade em 587 a.C. Deus prometeu reconstruí-la por meio de Ciro. As pessoas no exílio babilônico desejavam que isso acontecesse (Salmo 137). Ciro era o rei da Pérsia, mas por meio de suas vitórias sobre os impérios de sua época (Média, Lídia e Babilônia), ele se tornou o imperador do maior império conhecido até então. Sua política para com os conquistados era de tolerância e compreensão. Alguns historiadores consideram seu reinado como um momento decisivo na história antiga. MacDonald (2011, p. 657) destaca o fato de que a profecia registrada em Isaías 44:28 acerca de Ciro é notável pelo fato de mencioná-lo por nome cerca de 150 a 200 anos antes do nascimento desse governante. Ciro é citado novamente como o instrumento usado por Deus para libertar seu povo da Babilônia e autorizar a reconstrução do templo.

Grogan (1986, p. 270) afirma que o autor de Isaías fez diversas alusões a Ciro antes do capítulo 44 mas sem nomeá-lo. Porém, no capítulo 44:28 encontra-se o clímax poético-profético, um pouco menos dramático do que o nome é a descrição de Ciro como “meu pastor”, pois ele era um estrangeiro pagão. O termo “meu pastor” lembrava o povo do papel de pastor de seus próprios reis, especialmente de Davi (2 Sm 5:2). As ovelhas perdidas deveriam ser reunidas e devolvidas ao seu verdadeiro redil em Judá por este estrangeiro, que tornaria possível a reconstrução de Jerusalém e do templo sagrado do Deus de Israel. Esta profecia fornece a primeira referência explícita no livro de Isaías aos planos de Deus para reconstruir a cidade, antes mesmo dela ter sido destruída. Todos esses fatos ressaltam a soberania de Deus e o cuidado especial que ele tem para com o seus escolhidos. Barry et al (2016, n.p) afirma que a expressão “meu pastor” era uma designação própria

esperada dos reis davídicos que deveriam ter desempenhado o papel de pastor do povo de Deus, no entanto, ela foi atribuída a Ciro, um conquistador estrangeiro (Ez 34:1-10).

MacDonald (2011, p. 657) comenta que o autor de Isaías no capítulo 45:1–6 registra outra designação curiosa atribuída a Ciro, “ungido”, o mesmo termo que “messias” em hebraico, pois o monarca da Pérsia foi um protótipo do Messias, que concederia livramento final ao seu povo. Deus prometeu dar vitória a Ciro sobre as nações, principalmente a Babilônia, além de remover todos os obstáculos a suas conquistas e lhe entregar grandes quantidades de tesouros escondidos e riquezas encobertas. Ainda se dirigindo a Ciro, o SENHOR se refere a si mesmo como o único Deus verdadeiro que trata Ciro pelo nome, que o chama de ungido e pastor (Is 44:28) e que o capacita para sua missão. Deus faz tudo isso por amor a seu povo e para que todo o mundo saiba que somente ele é o SENHOR.

Barry et al (2016, n.p) ao comentar a expressão “ungido” atribuído a Ciro, refere-se à seleção do monarca para um propósito específico, salvar Israel. O termo hebraico *mashiach* (“ungido”) reflete a tradição de selecionar e equipar para o serviço, por exemplo, os reis foram ungidos pelos profetas de acordo com os textos bíblicos de 1 Sm 10: 1; 16:13 e 1 Rs 19:15–16. O contexto bíblico apresenta o elemento central de todo o argumento contra os ídolos, que não podem declarar o futuro. Assim as predições acerca de Ciro se tornam a evidência específica de que Deus pode predizer e prediz o futuro. A descrição do imperador pagão em termos apropriados a um monarca davídico teria sido incômoda a um judeu devoto. Como era possível que esse personagem fosse chamado Meu pastor (2Sm 5.2; 1Rs 22.17; Ez 34.23)? Ou, como era possível que se dissesse de alguém como este, impuro e profano, cumpriria a vontade de Deus (Sl 5.5)? Mas este é precisamente o tipo de coisa nova acerca da qual o Senhor falara (43.19). Se a casa de Davi demonstrara um covarde desrespeito por Deus (7.13; 39.7), este encontraria uma nova forma de manter suas antigas promessas, mesmo em relação à casa de Davi. De uma maneira maravilhosamente engenhosa, Rute, a despeito de ser estrangeira, veio a ser uma ancestral de Davi (Rt 4.13–22), o estrangeiro Ciro tipifica o Messias davídico (Is 53.10; Zc 11.4; 13.7; Jo 8.29; 10.11).

Oswalt (2011, p. 247) afirma que se os ouvintes de Isaías se sentiram chocados por ser Ciro chamado pastor de Deus (44.28), teriam se sentido ainda mais chocados quando ele foi chamado de ungido. Este título fora previamente reservado para os sacerdotes, profetas e reis de Israel. Seguramente, Deus só podia usar pessoas do seio de seu povo eleito para a concretização de seus propósitos. Mas foi exatamente este o ponto que Isaías estava tentando provar: Deus não é o Senhor exclusivamente de Israel; ele é o Deus do mundo inteiro. A soberania passiva se fez evidente na declaração de que Deus atribuiu a Ciro seus títulos honoríficos de “pastor” (44.28) e “ungido” (45:1).

4. CONCLUSÃO

Nabucodonosor e Ciro foram usados como instrumentos de Deus em sua soberania e num primeiro momento, não tinham plena consciência desse fato. Todavia, tiveram a oportunidade de conviver com homens tementes a Deus que lhes expuseram o conteúdo da palavra escrita de forma prática através de seus testemunhos. A soberania passiva atuou em Nabucodonosor ao ponto dele ser reconhecido três vezes como “servo” de Deus e Ciro como apascentador da nação de Israel e ungido do Senhor.

De acordo com Lopes (2005, p.59) Deus usou quatro diferentes expedientes para levar Nabucodonosor à conversão. Em primeiro lugar, colocou pessoas crentes em sua companhia. Em segundo lugar, mostrou para ele que só o Reino de Cristo é eterno. Nabucodonosor foi levado a contemplar a ruína de sua religião e a confessar que o Deus de Daniel é o Deus dos deuses (Dn 2.47). Ele ficou impressionado, reconheceu que Deus existe, chegou a reconhecer que o Senhor é o maior de todos os deuses. Mas ele não se converteu. Em terceiro lugar, Deus mostrou para ele que só o Deus dos cativos judeus liberta. Ele, mais uma vez, confessou que não há deus que liberte como o Deus daqueles jovens. Mas Deus é o Deus de Meseque, Sadraque e Abede Nego, não o seu Deus pessoal. Em quarto lugar, mostrou para ele que só o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens. Os versículos 17, 25 e 32 do capítulo 4 do livro de Daniel revelam a última ação de Deus para quebrar as resistências de Nabucodonosor. Deus levou esse homem à loucura para converter seu coração.

Stuart Olyott resume essa intervenção de Deus na vida de Nabucodonosor da seguinte forma:

Nabucodonosor nos faz perceber quão longânimo é Deus. Deus se manifestou a ele indiretamente no capítulo 1, abordou-o diretamente no capítulo 2 e sacudiu-o no capítulo 3. Deus insistiu, insistiu e insistiu de novo. Mas o coração do rei ainda não se encontrava aberto para Deus. No capítulo 4, Deus o instou mais uma vez. A graça de Deus é soberana e, nessa ocasião, Ele agirá de tal forma que destruirá toda resistência ao Seu poder. Deus determinou entrar no coração de Nabucodonosor, e o fará. (OLYOTT, 2018, p.56)

A conversão de Nabucodonosor pode ser vista por intermédio de quatro evidências: ele glorifica a Deus (Dn 4.34), confessa a soberania de Deus (Dn 4.35). Testemunha sua restauração (Dn 4.36) e adora a Deus (Dn 4.37). Assim, conclui-se que cada profeta apresentado neste artigo enfatizou aspectos distintos da soberania de Deus na vida dos reis Nabucodonosor e Ciro. O profeta Daniel enfatizou a ação soberana de Deus com o propósito de levar o conquistador pagão ao arrependimento. A mensagem de Isaías enfatizou a presciência divina e o cuidado de Deus para com o seu povo ao predizer as ações do imperador persa Ciro com pelo menos 150 anos de antecedência. Já o profeta Jeremias levou pelo menos vinte e três anos de sua vida conclamando a sua nação ao arrependimento. Para Deus, tanto Nabucodonosor quanto Ciro estavam fazendo a vontade divina. Nabucodonosor estava aplicando a correção ao povo de Deus e Ciro o estava restaurando.

REFERÊNCIAS

BARRY, J. D., MAGNUM, D., BROWN, D. R., HEISER, M. S., CUSTIS, M., RITZEMA, E., BOMAR, D. **Faithlife Study Bible**. Bellingham, WA: Lexham Press, 2016.

EASTON, M. G. **In Easton's Bible dictionary**. New York: Harper & Brothers. 1893
MACDONALD, W. **Comentário Bíblico Popular: Antigo Testamento**. 2a edição. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

FEINBERG, C. L. **The Expositor's Bible Commentary: Isaiah, Jeremiah, Lamentations, Ezekiel**. Vol. 6. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1986.

GROGAN, G. W. **The Expositor's Bible Commentary: Isaiah, Jeremiah, Lamentations, Ezekiel**. Vol. 6. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House, 1986.

GRONINGEN, Gerard Van. **Revelação Messiânica no Antigo Testamento**. Editora Cultura Cristã, 2018.

HARRIS, R. Laird. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HOLLADAY, W. L. **Jeremiah 2: a commentary on the Book of the Prophet Jeremiah, chapters 26–52**. Minneapolis, MN: Fortress Press, 1989

JAMIESON, R., FAUSSET, A. R., BROWN, D. **Commentary Critical and Explanatory on the Whole Bible**. Oak Harbor, WA: Logos Research Systems, 1997.

LOPES, Hernandes Dias. **Daniel, um homem amado no céu**. São Paulo, SP: Hagnos, 2005.

NEWMAN, B. M., Jr., STINE, P. C. **A handbook on Jeremiah**. New York: United Bible Societies, 2003.

OGDEN, G. S., STERK, J. **A Handbook on Isaiah**. Vol. 1 and 2. Reading, UK: United Bible Societies, 2011.

OLYOTT, Stuart. **Ouse ser firme: o livro de Daniel**. São José dos Campos, SP: Fiel, 2018.

OSWALT, J. **Isaías**. 1a edição, Vol. 2. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2011.

PINK, A. W. **Deus é Soberano**. Segunda Edição. São José dos Campos, SP: Editora FIEL, 1997.

PINTO, C. O. C. **Foco & Desenvolvimento no Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2014.

STRONG, J. **Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong**. Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo: Antigo Testamento, Volume IV, Profético**. Santo André, SP: Geográfica Editora, 2006.